

A MEDICINA NA GUERRA DO PARAGUAI. (Mato-Grosso) (IV).

(Continuação).

LUIZ DE CASTRO SOUZA

Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Membro efetivo do Instituto Brasileiro de História da Medicina.

IX

ASSALTO E RETOMADA DE CORUMBÁ.

O presidente Dr. J. V. Couto de Magalhães, que havia assumido o govêrno da província de Mato Grosso, em 2 de fevereiro de 1867, organiza um batalhão provisório de infantaria, apronta o 1º, 5º e 6º da Guarda Nacional e forma uma esquadilha de pequenos vapores.

Ao receber a comunicação do Cel. Carlos de Moraes Camisão de haver invadido o território inimigo, pelo Apa, o presidente da província, põe, imediatamente, em execução, o seu plano de ação contra Corumbá, ocupada pelas fôrças paraguaias, fazendo partir, no dia 15 de maio de 1867, o batalhão provisório sob o comando do Tenente-Coronel Antônio Maria Coelho.

Logo a seguir, partem os outros batalhões e no fim do mês de maio, encontravam-se nos Dourados, no Rio Paraguai, tôdas as fôrças expedicionárias, constituídas de uns 2.000 homens e seus 17 canhões, prontas a entrar na luta. O presidente Couto de Magalhães assumia, pessoalmente, o comando geral das fôrças.

O Serviço de Saúde da Expedição, que não havia sido olvidado, estava constituído pelos seguintes médicos militares: Capitão 1º Cirurgião, Dr. JOÃO TOMÁS DE CARVALHAL — na qualidade de primeiro cirurgião em chefe, do Hospital de Sangue —, Tenente 2ºs. Cirurgiões, Drs. CARLOS JOSÉ DE SOUZA NOBRE e JOSÉ ANTÔNIO DOURADO, e o 2º Cirurgião da Armada, Dr. AUGUSTO

NOVIS que acompanhava o presidente da província, Dr. José Vieira Couto de Magalhães (117).

O Capitão 1º Cirurgião, Dr. JOÃO TOMÁS DE CARVALHAL era natural da cidade de Santo Amaro, Bahia, nascido aos 7 de março de 1836, sendo seus pais Francisco Antônio de Carvalho e D. Ana Guilhermina de Carvalho. Diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1858, cuja tese de doutoramento versou sobre: *Feridas penetrantes do peito*. Entrou para o Serviço de Saúde do Exército, pelo decreto de 5 de maio de 1861, no posto de Tenente 2º Cirurgião. Capitão 1º Cirurgião de 1-6-1867 (118).

O Dr. CARLOS JOSÉ DE SOUZA NOBRE fazia parte da Fôrça Expedicionária de Mato Grosso e havia se retirado, em Miranda, por motivo de saúde, como afirmamos anteriormente, vindo se restabelecer na cidade de Cuiabá. Nasceu na cidade de Salvador, Bahia, a 22 de agosto de 1839, filho de Carlos José de Souza Nobre e de D. Carolina Maria Fragozo Nobre. Doutor em medicina pela Faculdade de sua província natal, quando em novembro de 1863, defendia tese, intitulada: *Ação fisiológica e terapêutica do iodo*. Tip. de Epifanio Pedrosa, Bahia, 1863. Foi aluno interno de Clínica Cirúrgica da Faculdade e pensionista do Hospital Militar da Bahia. Ingressou no Corpo de Saúde do Exército, pelo decreto de 17 de fevereiro de 1864, no posto de Tenente 2º Cirurgião, quando fôra designado para servir na guarnição de Ouro Preto, Minas Gerais. Radicou-se em Mato Grosso, tendo se casado com D. Ana Josefa Murtinho, filha do Dr. JOSÉ ANTÔNIO MURTINHO — médico militar (119).

-
- (117). — Estêvão de Mendonça, em *Datas Mato-grossenses*, vol. 1, p. 353, diz que o Serviço de Saúde era constituído pelos Drs. Luiz Terêncio de Carvalhões (*sic*), Dormevil José dos Santos Malhado e Carlos José de Souza Nobre. O primeiro, aliás, *Luiz Terêncio de Carvalho*, era na época, acadêmico de medicina e servia na qualidade de 2º cirurgião em comissão, na Enfermaria Central de Tuiuti, no Paraguai. Diplomou-se, dois anos depois, em 1869, na Bahia, defendendo tese sob o título: *Feridas por armas de fogo*. Terminada a campanha, ficou no exército, e em 1871, encontrava-se destacado em Mato Grosso. Quanto ao Dr. Malhado, este ocupava a função de primeiro-médico interino do Hospital Militar de Cuiabá.
- (118). — Esteve presente na inauguração solene da navegação a vapor do rio Araguaia, em 28 de maio de 1868. (Mendonça, E. de — *Ob. cit.*, vol. 1, p. 281).
- (119). — O Dr. Carlos José de Souza Nobre radicou-se na província de Mato Grosso, tendo ingressado no Partido Conservador — agremiação política em que militava o seu sogro —, quando foi eleito deputado geral, em 1876. Sobre ele assevera Estêvão de Mendonça: "político de largo des-cortínio, o seu nome era pronunciado com respeito e com carinho por amigos e adversários, sendo como médico um verdadeiro apóstolo de caridade" (*Ob. cit.*, vol. II, p. 110). O Dr. Nobre faleceu na cidade de Buenos Aires, a 23 de agosto de 1882, quando se encontrava em trânsito, viajando para Cuiabá, de regresso do Rio de Janeiro. Deixou na orfandade quatro filhos menores: Manoel, Rosa, Antônio e Juvenal. Os filhos

Acompanhando o segundo contingente que seguia com o presidente da província de Mato Grosso, encontrava-se o Segundo Cirurgião da Armada Nacional e Imperial, Dr. AUGUSTO NOVIS. Natural da cidade do Salvador e filho de José Francisco Novis e de D. Maria Correia Novis. Diplomou-se em medicina pela Faculdade da Bahia, em 1859, após defender tese, sobre o tema: *Qual o melhor meio de cura da tísica pulmonar?* — Tip. de Camilo de Lellis Masson & C., Largo de Santa Bárbara, nº 2, Bahia, 1859. (A grafia de Novis na tese está impressa com “w”) O Dr. AUGUSTO NOVIS ingressou no Corpo de Saúde da Marinha, no posto de Segundo Cirurgião Segundo Tenente, em 10 de dezembro de 1860, declarando, na ocasião, ter apenas vinte e três anos de idade. Fôra designado para servir na Flotilha de Mato Grosso. Ai radicou-se, contraindo núpcias com D. Maria da Glória Gaudie Leite e constituindo uma ilustre família (120).

Em Dourados (121) se encontravam concentradas as forças expedicionárias, com os soldados de infantaria, o parque de artilharia e

varões continuaram a tradição paterna ao abraçarem a profissão hipocrática e sua única filha casou-se com o Prof. Dr. Antônio Dias de Barros (1871-1928), Catedrático de Histologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O Dr. Carlos Nobre além da condecoração da Ordem de Cristo, fôra agraciado por serviços prestados na campanha, com a insígnia da Ordem Imperial da Rosa, no grau de cavaleiro e a “Medalha de Mato Grosso”, também denominada, “Medalha da Constância e Valor”. E, finalmente, fôra distinguido com a “Medalha Geral da Campanha do Paraguai”.

(120). — Este médico militar mandava educar os filhos em sua terra natal e diante da projeção alcançada por um dos seus filhos, Dr. Aristides Novis, em terras da Bahia, principalmente como Professor Emérito da Faculdade de Medicina, diz Virgílio Corrêa Filho, muito a propósito e com felicidade, que “Mato Grosso resgatou fidalgamente o que devia à Bahia pela cuiabanação de um dos seus beneméritos filhos” (*Bahianos em Mato Grosso*. In Revista do IHGB, vol. 200, pp. 87-91). O Dr. Novis foi graduado no posto de Primeiro Cirurgião Primeiro Tenente, em 3 de abril de 1869, e promovido ao mesmo posto, em 20 de agosto de 1872. Reformou-se em 27 de fevereiro de 1886 como Cirurgião de Divisão Capitão-Tenente. Mais tarde, o governo republicano, a 20 de novembro de 1891, concedeu-lhe as honras de Cirurgião de Esquadra Capitão de Fragata “por serviços prestados na Campanha do Paraguai”. Era Cavaleiro da Ordem Imperial da Rosa e da Ordem de Aviz, condecorado, respectivamente, em 19-6-1876 e 2-11-1878. Faleceu como varão justo e cercado do respeito e consideração dos seus patrícios, na cidade de Cuiabá, em 8 de julho de 1908.

(121). — Local do Estabelecimento Naval, à margem direita do Rio Paraguai. Ai se depositavam munições e artigos bélicos trazidos da Corte para a Flotilha. Na invasão de Mato Grosso dirigia o estabelecimento, o Primeiro Tenente da Marinha, Pedro Davi Durocher que, posteriormente, foi dado como desaparecido. Este oficial era filho da Madame Durocher, francesa de nascimento e parteira brasileira, diplomada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1834, que, pelos seus méritos e trabalhos publicados sobre a obstetrícia, fôra a única mulher a lograr assento na Academia Imperial de Medicina, eleita em 1871, como membro titular.

os pequenos vapores da flotilha armados com 14 canhões e sob o comando do Capitão-Tenente Balduino José Ferreira de Aguiar.

Não podendo atacar o inimigo pelo rio, diante da superioridade dos vapores paraguaios, ficou deliberado surpreendê-los por terra e assim, desceu o Tenente-Coronel Antônio Maria Coelho pelo pantanal até o Rabicho, a jusante de Corumbá, onde conseguiu desembarcar seus mil homens, na madrugada do dia 13 de junho, sem serem pressentidos pelos paraguaios. Contornaram a posição fortificada e conseguiram levar o ataque por Sudoeste, surpreendendo o inimigo que supunha vir a ofensiva pelo Norte.

No mesmo instante, o valente Capitão João de Oliveira Melo penetra na vi'a, à frente de seus 200 comandados, e dirigindo-se ao pôrto, ataca os vapores paraguaios *Apa* e *Anhambai* obrigando-os à fuga, debaixo de renhido fogo.

O ataque às trincheiras inimigas ao mesmo tempo, por diversos pontos, foi tão vigoroso que o grosso da fôrça do Tenente-Coronel Antônio Maria Coelho dominava a praça, depois de uma resistência de apenas uma hora. Foi uma investida de arrôjo e tão cheia de bravura que fêz lavar a alma nacional. Estava libertada Corumbá, graças a uma ação ousada, pois não se esperou o resto da expedição que viria apoiar o ataque. O inimigo teve mais de cem mortos, inclusive o Coronel Hermogenes Cabral, comandante da praça, contra 29 brasileiros postos fóra de combate.

Entre os bravos 200 brasileiros que entraram em Corumbá numa arrancada plena de heroísmo, estavam o Tenente 2º Cirurgião, Dr. CARLOS JOSÉ DE SOUZA NOBRE e o Alferes Farmacêutico em comissão, DAMIÃO JOSÉ SOARES.

Libertada a povoação de Corumbá, os brasileiros observam que a varíola grassava ali e ficam cientes, pelo exame do arquivo apreendido, de refôrços que deveriam partir de Assunção e do insucesso da invasão da coluna do Cel. Camisão na fronteira do Apa. Diante disso, o presidente Couto de Magalhães, que havia chegado de Dourados no dia 23, com o resto dos batalhões, resolve retornar a Cuiabá, no dia seguinte, levando os troféus da vitória: duas bandeiras, seis canhões e muita munição e armamento. Em nossos soldados já se manifestava a incidência da varíola que ia disseminando gradativamente, motivando a imediata retirada de tôda a fôrça para Cuiabá.

A expedição segue, uma parte embarcada e outra pela margem do rio e pelos pantanaes, numa longa e penosa jornada cheia de surpresas, privações e acrescida do incremento da varíola, até alcançar o rio São Lourenço.

A 11 de julho, encontravam-se no pôrto da fazenda do Alegre o vapor *Antônio João*, na margem esquerda do rio São Lourenço, re-



Cirurgião de Esquadra Capitão de Fragata, DR. AUGUSTO NOVIS
(1837-1908).

bocando quatro embarcações e o *Jauru*, amarrado à margem oposta, isolado, por rebocar duas chatas com 80 variolosos. A soldadesca carneava-se despreocupadamente. À tarde desse dia, surgiram três vapores de guerra paraguaios, que haviam subido o rio em perseguição aos brasileiros, após a derrota sofrida em Corumbá.

Trava-se um combate renhido e apesar de surpreendidos, os nossos soldados e marinheiros põem em fuga as forças inimigas, e cujo episódio relevante foi a tomada e retomada do nosso vapor *Jauru*. Narra um dos expedicionários, general Antônio Anibal da Mota, então alferes, que

“um soldado alcunhado *Chiba*, apesar de ter o corpo todo coberto de pústulas de bexiga, sem camisa, pôs o cinturão e, durante todo combate, não cessou de fazer fogo, ora sôbre o *Salto*, ora sôbre o *Jauru*; terminado, foi-lhe um martírio para desapertar o cinturão, ficando a cintura em chaga viva” (122).

Esta luta conhecida pela designação de “combate do Alegre”, teve como artífice da vitória, o denodado Capitão-Tenente Balduino de Aguiar — comandante da Flotilha de Mato Grosso —, que diz na sua parte oficial sôbre o combate, datada de 18-7-1867, o

“farmacêutico cirurgião” DAMIÃO JOSÉ SOARES, “*também cumpriu muito bem o seu dever*” (123).

O Tenente 2º Cirurgião, Dr. CARLOS JOSÉ DE SOUZA NOBRE, que havia descido para o Baixo Paraguai com o 1º Batalhão provisório de Infantaria, em 15 de maio, bem como o Farmacêutico contratado DAMIÃO JOSÉ SOARES, foram citados pela Ordem do Dia nº 7, de 14 de junho de 1867, publicada pelo Tenente-Coronel Antônio Maria Coelho, comandante do respectivo batalhão, onde diz:

“*E' digno de elogio a coragem e dedicação dos Srs. Dr. 2º Cirurgião Carlos José de Souza Nobre e Farmacêutico Damião José Soares, por quanto não sendo precisos seus serviços antes da ação, entraram em combate nas fileiras, das quais só se retiraram quando suas presenças eram reclamadas*”.

A citada Ordem do Dia é transcrita, também, na do Comandante das Armas, nº 270, de 28-6-1867. Os referidos membros do Serviço de Saúde, além de tomarem parte no combate e tomada de Corumbá, assistiram ao “combate do Alegre”. O Govêrno Imperial em reconhecimento dos serviços prestados, outorga, em 19 de agosto de 1867, ao Tenente 2º Cirurgião, Dr. CARLOS JOSÉ DE SOUZA NOBRE,

(122). — *Apud* Estêvão de Mendonça, *ob. cit.*, vol. 2, pp. 24-25.

(123). — MENDONÇA, E. de — *Ob. cit.*, vol. 2, p. 28.

o hábito da Ordem de Cristo, e ao farmacêutico contratado DAMIÃO JOSÉ SOARES a insígnia da Ordem Imperial da Rosa, no grau de cavaleiro.

Por Decreto nº 4.201, de 6 de junho de 1868, foi concedido o uso da “Medalha de Mato Grosso”, também denominada “Medalha de Constância e Valor”, às forças que marcharam da capital da província a fim de operar contra Corumbá.

Pela Ordem do Dia, nº 315, do Comandante das Armas, de 30 de setembro de 1867, é transcrito o ofício do presidente da Província, no qual é elogiada e ressaltada a ação do Capitão 1.º Cirurgião, Dr. JOÃO TOMÁS DE CARVALHAL, pelos bons serviços prestados na epidemia variólica que se desenvolveu nas forças expedicionárias no Baixo Paraguai. Seu nome figura na relação de oficiais que mais se destacaram por serviços humanitários, coligida e encaminhada pelo Comandante das Armas de Mato Grosso ao governo Imperial (124).

A retomada de Corumbá ficou como exemplo edificante do esforço e da tenacidade de uma gente, glorificada numa jornada de arrojo e esplêndida de heroísmo.

Os médicos militares e seus auxiliares foram dignos de seus irmãos combatentes, no desagravo à honra e aos brios nacionais.

X

A EPIDEMIA DE VARIOLA.

Em março de 1867, assumia a função de Delegado interino do Cirurgião-Mor do Exército, na província de Mato Grosso, o Major Cirurgião-Mor de Brigada, Dr. FRANCISCO ANTÔNIO DE AZEVEDO.

O Delegado efetivo, Tenente-Coronel Cirurgião-Mor de Divisão, Dr. JOSÉ ANTÔNIO MURTINHO, havia sido afastado do cargo pelo presidente Couto de Magalhães, tendo-lhe ordenado que fôsse se apresentar ao Ministério da Guerra, para servir em qualquer outra comissão, porém, fora da província de Mato Grosso. Dizem que o motivo real dessa atitude de perseguição teria sido a política partidária, pois o presidente pertencia ao partido liberal e o Dr. MURTINHO militava no partido conservador. O certo é que êste médico militar apresenta-se ao Ministro da Guerra e solicita inspeção de saúde, cujo resultado é a reforma concedida pelo decreto de 13 de julho de 1867,

“por sofrer de moléstia incurável que o torna incapaz ao serviço do Exército”.

Baseado no longo relatório do Delegado do Cirurgião-Mor do Exército em Mato Grosso (125), referente ao mês de dezembro de 1867 e acompanhado de um panorama geral dos acontecimentos mais importantes verificados no decorrer do citado ano, vamos revelar o drama vivido pelos médicos militares e o sofrimento por que passou aquela gente.

A 26 de junho chegava a Cuiabá, o Alferes Hortêncio Augusto de Seixas Coutinho, trazendo a notícia da gloriosa retomada de Corumbá e tôda a cidade vibrou de entusiasmo. No dia 28, o Delegado do Cirurgião-Mor recebia comunicação do primeiro caso suspeito de varíola e que naquêle mesmo dia, à noite, era internado no Hospital Militar para observação, ficando em isolamento. Tratava-se de um soldado do Batalhão de Voluntários da Pátria, chamado *Antônio Felix*, que como hábil canoeiro, havia trazido o citado alferes de Corumbá. Diz o Dr. AZEVEDO, que

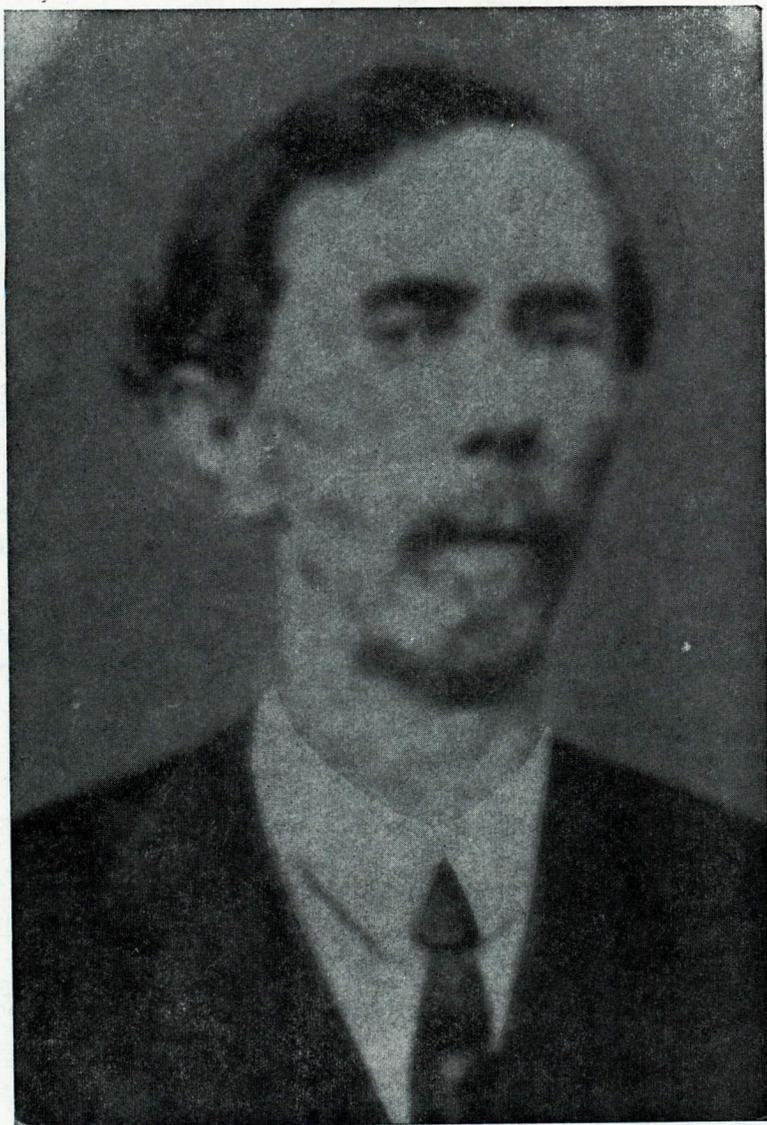
“apesar dos socorros mais prontos e enérgicos, à meia hora da madrugada do dia trinta do mesmo, estava morto”.

Era a primeira vítima da varíola falecido em Cuiabá (126). A inhumação foi procedida com todo o rigor. Imediatamente, o Delegado do Cirurgião-Mor representava, sugerindo a criação de uma unidade de isolamento e lazaretos, tendo em vista a próxima chegada das fôrças do Baixo Paraguai, muitas portadoras do mal. No dia 14 de julho, apareciam no Hospital Militar casos de “febres eruptivas”, quando foram imediatamente removidos para o isolamento, improvisado em enfermaria, no Seminário Episcopal. Já no dia seguinte era confirmado o diagnóstico: varíola.

O Major Cirurgião-Mor de Brigada, Dr. FRANCISCO ANTÔNIO DE AZEREDO, como a maior autoridade sanitária, compreendeu a grande responsabilidade que recaia sôbre a sua pessoa, diante de uma terrível doença pestilencial e procurou tomar as providências que a ocasião impunha e assim, com o apôio dos seus superiores, pensou em estabelecer hospitais provisórios, bem distantes da cidade de Cuiabá. Juntamente com seus colegas, Tenentes 2^{os}. Cirurgiões, Dr. DORMEVILO JOSÉ DOS SANTOS MALHADO e Dr. JOÃO ADOLFO JOSETTI, e o diretor do Arsenal de Guerra, escolheu inicialmente a recém-construída casa de pólvora, no lugar denominado *Mãe Bonifácia* e para aí removia os primeiros variolosos. Ao mesmo tem-

(125). — Relatório do Dr. Francisco Antônio de Azeredo, de 23 de janeiro de 1868. *Arquivo Nacional*. IG 1 — 243, doc. 599-611.

(126). — Estêvão de Mendonça e outros, assinalam que êsse soldado havia falecido aos dois de julho de 1867, e, agora, diante da narrativa do médico militar que também o assistiu, Dr. Francisco Antônio de Azeredo, conhecemos a data exata de seu falecimento.



Tenente-Coronel Cirurgião-Mor de Divisão, DR. FRANCISCO ANTONIO
DE AZEREDO (1815-1884).

po instalou outro hospital na barra do rio *Coxipá*, para militares. Depois as Enfermarias na freguesia de *São Gonçalo de Pedro II*, em salas contíguas a Igreja desta paróquia e na chácara de *Jarcem*. Conjuntamente às iniciativas nosocomiais, solicitou com o maior ardor o envio de lâminas e tubos capilares para a inoculação vacínica na profilaxia da varíola, pois, constatou o Dr. AZEREDO que muito pouca gente estava imunizada, numa população calculada em 13.000 pessoas, mais ou menos (127).

No relatório oficial do Capitão 1º Cirurgião, Dr. JOÃO TOMÁS DE CARVALHAL, como primeiro cirurgião chefe do Hospital de Sangue da Expedição ao Baixo Paraguai, o mesmo salienta que o desenvolvimento da epidemia de varíola nas fôrças expedicionárias, deu-se após o “combate do Alegre”, quando houve a junção desordenada das ditas fôrças e não foi possível manter o isolamento dos variolosos, facilitando, em consequência, o contágio, agravado pela diminuição da resistência das praças, depois da luta em que até os doentes participaram ativamente.

Em decorrência do “combate do Alegre”, houve desertores ou extraviados, cujas presenças em vários lugares da província, já contaminados pela varíola, provocaram a disseminação da doença.

O presidente Couto de Magalhães, em officio nº 109, dirigido ao Ministro da Guerra, comunicava com grande satisfação que a epidemia havia cessado nas fôrças expedicionárias do Baixo Paraguai e puderam então entrar em marcha, tendo chegado a Cuiabá, em 17 de setembro, acrescentando que

“a bexiga levou só nessas fôrças cêrca de 350 vítimas” (128).

Como vemos foi bastante elevado o número de baixas na Coluna contra Corumbá.

A dois de julho, chegava pelo correio uma caixinha contendo linfa vacínica, recebendo-a imediatamente o Dr. AZEREDO em palácio da presidência da província e inicia a imunização, porém, sem bons resultados, pois, tratava-se de vacina pouco ativa. Utilizou-se, então, da “linfa humana” e assim, conseguiu-se inocular muitas pessoas.

A epidemia de varíola ia atingir a tôdas as classes sociais de Cuiabá e

(127). — O comerciante Henrique José Vieira é apontado como a pessoa que, pela primeira vez, praticara a vacinação anti-variólica na cidade de Cuiabá, em 18 de julho de 1852 (Estêvão de Mendonça, *Datas Matogrossenses*, v. II, p. 42). Divulgamos êsse dado de interêsse para a história médica, no sentido de melhor investigação para o fato.

(128). — *Arquivo Nacional*. IG 1 — 242, doc. 483.

“a 23 de julho verifica-se o primeiro caso fatal na população civil, na pessoa de Januário, solteiro, de 36 anos, que foi sepultado no Coxipó”.

A sua marcha acelerou-se, casa por casa, ruas e travessas e finalmente tôda Cuiabá estava assolada, vivendo sob o fantasma da varíola. Não demorou a surgir o pânico na cidade com o morbo multiplicando as suas vítimas, quando os cemitérios foram poucos para recolher aos que sucumbiam; por isso era inaugurado, a 2 de agôsto de 1867, o cemitério de Nossa Senhora do Carmo, no Cae-Cae. A varíola havia surgido em julho e continuou a fazer seus estragos até fins do mês de outubro e no auge da mortandade, diz o Dr. AZEREDO, fêz mais de cem vítimas por dia. Pelo número avultado de cadáveres, assevera Estêvão de Mendonça que

“os corpos eram conduzidos em carroças, sémi-nús, numa promiscuidade irreverente, e assim atirados em valas. Esta medida por fim tornou-se insuficiente e não raro foram os cadáveres arrastados por cães famintos e até cremados aos montões” (129).

A população tomada de pânico procurava fugir da cidade, mas a varíola alastrava-se pelo interior, atingindo cidades, vilas e lugarejos mais distantes. Diz o Prof. Dr. Clovis Corrêa da Costa que

“os proprietários do interior defendiam-se, isolando-se de qualquer contacto com vizinhos e refugiados, botavam escravos nas estradas, armados, com ordem de fuzilar aquêles que tentassem violar o isolamento” (130).

Como se não bastasse a devastação da guerra em seu próprio território, a província de Mato Grosso era atingida por uma impiedosa tragédia pestilencial.

Apesar da diminuição da intensidade da epidemia, o Dr. FRANCISCO ANTÔNIO DE AZEREDO, como chefe incontestado da Saúde Pública, não descansava e multiplicava-se em atividades. Pela carência da linfa vacínica, mandava buscá-la na Côte, Minas e São Paulo, sem resultado, quando tomou conhecimento, no mês de novembro, que no lugar denominado Curralinho, distante quatro léguas de Cuiabá, apareceram pústulas na teta de uma vaca. Mandou incontinenti viajar para aquêlo local o Tenente 2.º Cirurgião contratado, Dr. JOÃO ADOLFO JOSETTI, que observou e trouxe algumas lâminas e pessoas inoculadas, em quem nenhum resultado obtivera. O

(129). — *Datas Matogrossenses*, vol. II, p. 42.

(130). — *Mato Grosso de Outrora* (Episódios, reminiscências e costumes). s. 1., 1965.

Segundo Cirurgião da Armada, Dr. AUGUSTO NOVIS, seguiu até Ponte Alta, distante quinze léguas da capital, tendo voltado a 18 de dezembro, trazendo algumas lâminas e passando a supuração, de braço a braço. Com certa quantidade de vacina, determinara o Dr. AZEREDO que o Tenente 2º Cirurgião, Dr. DORMEVIL JOSÉ DOS SANTOS MALHADO, seguisse para as fazendas e freguesias do “Rio Acima” e o Tenente 2º Cirurgião Dr. CARLOS JOSÉ DE SOUZA NOBRE para as do “Rio Abaixo”, tendo ambos realizado um belo trabalho preventivo contra a varíola, inoculando umas quinhentas pessoas.

Ainda no mês de dezembro de 1867, continuavam os casos esporádicos; um ou outro por semana.

Os heróicos soldados da *Retirada da Laguna*, ficaram cêrca de três meses em quarentena, na chácara do Comendador Henrique José Vieira, distante uma légua e meia da capital, e após serem vacinados pelo Dr. QUINTANA, entraram em Cuiabá, a 16 de outubro de 1867.

Para supervisionar as medidas profiláticas nos remanescentes da *Retirada da Laguna* e incorporar-se à Coluna, havia de há muito partido o Major Cirurgião-Mor de Brigada, Dr. CIRILO JOSÉ PEREIRA DE ALBUQUERQUE. Este médico militar encontrava-se na província de Mato Grosso desde o início da invasão paraguaia. Era natural da cidade do Salvador, Bahia, e filho de Caetano José Pereira. Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, após defender tese, a 11 de dezembro de 1843, sôbre: *A pneumonia aguda e crônica*. Assentou praça, a 13 de janeiro de 1847, no pôsto de Alfes Cirurgião-Ajudante, sendo promovido, a 3 de março de 1852, a Tenente 1º Cirurgião. Aos 2 de dezembro de 1854 atingiu o pôsto de Capitão 1.º Cirurgião, e finalmente, a 3 de março de 1866, à graduação de Major Cirurgião-Mor de Brigada, por antiguidade (131).

As medidas e providências de vigilância sanitária e principalmente para os não vacinados, dadas pelo Delegado do Cirurgião-Mor do Exército em Mato Grosso, eram severas e foram cumpridas rigorosamente pelos médicos militares. Esperava o Dr. AZEREDO que no final do mês de dezembro tôda a população civil e militar da província estivesse imunizada contra a varíola.

Em fins do mês de outubro, diante do declínio da virose, o Dr. AZEREDO fechava os hospitais provisórios de *Mãe Bonifácia* — destinado aos pobres de socôrro público — e o de *Coxipó*, e a Enfermaria instalada no *Seminário da Conceição* e outras. A Santa

(131). — Em 1871, ocupava o cargo de Delegado do Cirurgião-Mor do Exército de Mato Grosso.

Casa da Misericórdia teve o seu hospital extinto e todo ocupado com os doentes militares, no período do flagelo.

A Enfermaria do Distrito Militar de Poconé esteve durante a epidemia, a cargo do Dr. JOÃO TOMÁS DE CARVALHAL, que prestou socorros a toda a população local e conseguiu salvar mais da metade de sua gente, tendo regressado este médico militar a Cuiabá, em 2 de dezembro, quando apresentou seu relatório como Primeiro Cirurgião Chefe do Hospital de Sangue da Expedição de Corumbá e responsável pela Enfermaria do Distrito Militar. Deixara como encarregado pela enfermaria, um “farmacêutico prático”.

No Distrito Militar de Vila Maria (Cáceres atual), a varíola não se apresentou em caráter alarmante, graças à atuação do antigo responsável pela Enfermaria, Capitão 1º Cirurgião, Dr. CÂNDIDO MANOEL DE OLIVEIRA QUINTANA, quando, em 1860, havia vacinado quase toda a população. Houve, apenas, vinte óbitos. Era destacado no Distrito Militar de Vila Maria, o Tenente 2º Cirurgião, Dr. JOSÉ ANTÔNIO DOURADO, que tendo se adiantado no regresso do contingente expedicionário que acompanhara no Baixo Paraguai, no mês de dezembro se encontrava em Cuiabá, tendo esta por menagem, uma vez que havia passado por conselho de investigação; ia apresentar sua defesa no conselho de guerra. Este médico militar veio a falecer em 6 de fevereiro de 1868, em Cuiabá. Encontrava-se como responsável pela Enfermaria de Vila Maria, na ausência do efetivo, um médico francês, há muito residente na Bolívia, chamado Dr. ALEXANDRE SARGNEIL.

A Enfermaria do Distrito Militar da Cidade de Mato Grosso não tinha médico, encontrava-se como responsável o Alferes da Guarda Nacional, Manoel Bento de Lima, filho de um antigo curandeiro de igual nome. Pelas faltas e irregularidades constatadas, o Delegado do Cirurgião-Mor do Exército em seu relatório opinava pela sua extinção.

Já no Hospital Militar de Cuiabá, em dezembro de 1867, exercia a função de primeiro-médico, interino, o Capitão 1º Cirurgião, Dr. MANOEL DE ARAGÃO GESTEIRA; segundo-cirurgião-de-dia, Tenente 2º Cirurgião Dr. DORMEVIL JOSÉ DOS SANTOS MALHADO (132). A botica tinha como responsável o Alferes Farma-

(132). — Concluída a Campanha, o Dr. Dormevil Malhado solicitou exoneração do Serviço de Saúde do Exército, indo exercer a profissão no meio civil. Era estimadíssimo em Cuiabá e como médico granjeou merecida fama. Diz Estêvão de Mendonça que “dentre os médicos que em Cuiabá têm clinicado com êxito, poucos gozaram, como o Dr. Malhado, de igual confiança pública, sendo que ainda hoje as suas receitas são arquivadas carinhosamente e muitas reproduzidas como específico miraculoso” (*Ob. cit.*, v. II, p. 37). Foi político militante filiado ao partido liberal, tendo sido eleito deputado provincial em diversas legislaturas e vice-presidente

cêutico MANOEL FRANCISCO DE OLIVEIIRA, coadjuvado pelo Alferes Farmacêutico REGINALDO JOSÉ DE MIRANDA. O primeiro, praça em 10 de agosto de 1861, serviu no Hospital até 1 de abril e no acampamento dos expedicionários da *Retirada da Laguna*, em Aricá-Grande, a 15 de outubro de 1867 encontrava-se servindo, como componente do Serviço de Saúde que estava constituído pelo Major Cirurgião-Mor de Brigada, Dr. CIRILO JOSÉ PEREIRA DE ALBUQUERQUE — incorporado à referida fôrça —, Capitães 1^{os}. Cirurgiões, Drs. QUINTANA e GESTEIRA. Diz José de Mesquita, que o Alferes Farmacêutico REGINALDO JOSÉ DE MIRANDA faleceu de varíola (133). Talvez em fevereiro ou março de 1868, pois, no relatório do Delegado do Cirurgião-Mor do Exército, de janeiro de 1868 não se encontra mencionado o seu óbito e sim em exercício da função farmacêutica.

No mapa nosológico para o ano de 1867, relativo ao Hospital Militar de Cuiabá e às Enfermarias Militares dos Distritos de Poconé, Vila Maria e da cidade de Mato Grosso, incluindo os hospitais de sangue, ambulantes e temporários de variolosos, assinala o Delegado do Cirurgião-Mor do Exército em seu relatório oficial, que predominaram, consideravelmente, a *varíola* em caráter epidêmico, seguindo-se as "*febres intermitentes paludosas*" e as doenças do "*aparelho digestivo*" — *entero-colites*, *diarréias* e *disenterias*; em terceiro lugar "*as afecções cutâneas*", com especialidade; em quarto lugar, a "*sífilis*" que compreendia, na época, as doenças venéreas; continuando em decréscimo as "*feridas*" diversas, sem especificar; as doenças do "*aparelho respiratório*"; as "*nevroses*" e outras de menor número de casos que não mereceram ser citadas.

A inclemente epidemia que assolou as terras matogrossenses — indo aumentar a dor e o sofrimento daquela gente martirizada pela guerra —, tratava-se de *varíola confluyente*, segundo a classificação do Dr. FRANCISCO DE AZEREDO em seu relatório, e que é a forma mais grave,

da província. Inspetor de Higiene. Diretor Geral de Instrução Pública. Professor da cadeira de Pedagogia e Métodos do Liceu Cuiabano. Médico da Santa Casa de Misericórdia. Todos os movimentos culturais e sociais de Cuiabá contaram com seu apólo entusiástico. Fôra condecorado com a "Medalha Geral da Campanha", por decreto de 6-8-1870 e por serviços militares foi distinguido com a insígnia da "Ordem Imperial da Rosa", no grau de cavaleiro, em 3-4-1877. O governo provisório republicano, em 1890, concedeu-lhe as honras de Capitão 1^o Cirurgião. Faleceu em Corumbá, a 16 de julho de 1902, quando havia transferido sua residência a fim de ocupar o cargo de inspetor de saúde do porto. Deixou numerosa descendência. A imprensa de Corumbá, *A Pátria*, ao fazer o seu necrológio, cognominou-o *Apóstolo do Bem*.

(133). — *Genealogia Cuiabana*. In Revista do IHG. de Mato Grosso, Ano XXI, 1939, Tomos XLI e XLII, p. 139.

“as pústulas se imbicam e prolongam, uma em outra, como se fôra um acolchoado de pús, ora na face, ora no dorso das mãos, ora em grandes superfícies do corpo” (134).

E' a denominada “bexiga lixa” do linguajar popular, porque a pele se enrugam como lixa.

O trajeto impiedoso do flagelo atinge a todos os lares cuiabanos. E os que se encontravam longe da terra, como era o caso do Tenente-Coronel Cirurgião-Mor de Divisão, Dr. JOSÉ ANTÔNIO MURTINHO, procuravam regressar para ficar junto dos seus. Assim fêz êsse médico militar que acabara de obter reforma do Exército, mas ao chegar à capital da província, aos 19 de outubro de 1867, encontra seus filhos na orfandade. Dois dias depois, assinala Estêvão de Mendonça, encaminhou-se ao cemitério de Nossa Senhora do Carmo, no Cae-Cae — construído especialmente para receber cadáveres dos variolosos, a fim de reverenciar e levar flores ao túmulo de sua extremecida espôsa, por entre lágrimas e soluços dos sete filhos mais crescidos (135). Diz Virgílio Corrêa Filho, que o abalo causado pelo desaparecimento da companheira querida, iria modificar-lhe a personalidade e

“afastou-se quanto possível da clínica civil, exercida apenas para satisfação de clientes mais necessitados de seus desvelos” (136).

O Dr. MURTINHO como vice-presidente em exercício, em fevereiro de 1869, diante do jubilo da ocupação da capital paraguaia, mandou uma comissão a Assunção, com o fim de cumprimentar o Comandante-em-Chefe das Fôrças Brasileiras, mas o Governo Imperial impugnou as contas das despesas por julgá-las desnecessárias, obrigando o mesmo a assumir a responsabilidade pessoal dos gastos (137).

O Coronel Hemenegildo de Albuquerque Porto Carrero, comandante interino das Armas em Mato Grosso, em sua representação, datada de 24 de outubro de 1867 (138), elogia oficiais inferiores e soldados “que mais tem se destacado por serviços humanitários” na província. Entre os oficiais médicos faz referências ao Capitão 1º Cirurgião, JOÃO TOMÁS DE CARVALHAL e Tenente 2º Cirur-

(134). — PARREIRAS, Décio — *Manual de Clínica de Doenças Tropicais e Infecciosas*. Ed. Capitólio, Rio de Janeiro, 1952, p. 22.

(135). — *Ob. cit.*, v. II, p. 165.

(136). — *Bahianos em Mato Grosso*. p. 81.

(137). — MENDONÇA, Estêvão de — *Ob. cit.*, v. I, p. 108. O Dr. Murtinho faleceu na cidade de Culabá, aos 20 de agosto de 1888, cercado pelo respeito e reconhecimento do povo mato-grossense, deixando oito filhos, muitos dos quais se projetaram no cenário político e científico do país.

(138). — *Arquivo Nacional*. IG 1 — 242, doc. 503.

gião, Dr. DORMEVIL JOSÉ DOS SANTOS MALHADO, quando assentua que êste médico militar foi nomeado Primeiro Cirurgião e encarregado do Hospital temporário, em 16 de julho último, desenvolvendo

“grande soma de zêlo, perícia e dedicação no tratamento dos variolosos”.

Quanto ao capelão militar, Padre Benedito de Araújo Filgueira, afirma que o sacerdote estêve empregado no Hospital temporário, tendo prestado

“bons serviços caridosos durante a epidemia até cair doente, vítima de seu zêlo”.

Outro profissional que têve atuação destacada no período da epidemia, foi o farmacêutico JOAQUIM ALVES FERREIRA SOBRINHO, como anteriormente, na invasão paraguaia, havia tido também exemplar e digna conduta (139).

A todos os componentes do Serviço de Saúde do Exército e Armada, somos devedores pelo muito que realizaram em prol da saúde da população matogrossense, cuja exaltação é um dever que nos cumpre assinalar, pois, foram realmente beneméritos pela dedicação, inteligência, atividade, estoicismo. E' o culto e o aprêço que nessa hora desejamos celebrar, como preito, do mais alto e comovido respeito, para quem tudo fêz para minorar o sofrimento e a dor dos seus desventurados irmãos.

Assim, ao simbolizarmos a todos por igual, evocamos a pessoa do Delegado do Cirurgião-Mor do Exército, Dr. FRANCISCO ANTÔNIO DE AZEREDO (140), como diretor da Saúde Militar e Pública, que êle tão bem soube encarnar e dignificar, numa hora das mais dramáticas que atravessava uma das províncias do Império do Brasil.

XI

OS MEIOS DE TRANSPORTE DE DOENTES E FERIDOS.

O socôrro e a evacuação dos soldados feridos em combate receberam em tôdas as épocas, as melhores atenções e cuidados dos

(139). — MENDONÇA, E. de — *Ob. cit.*, v. II, p. 299.

(140). — Reformou-se no posto de Tenente-Coronel Cirurgião-Mor de Divisão, tendo falecido em sua cidade natal, Goiás, no dia 23 de setembro de 1884. Era Cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz. Publicou: *Manual de agricultura elementar*, Goiás, 1875 (Sacramento Blake — *Ob. cit.*, v. II, p. 391).

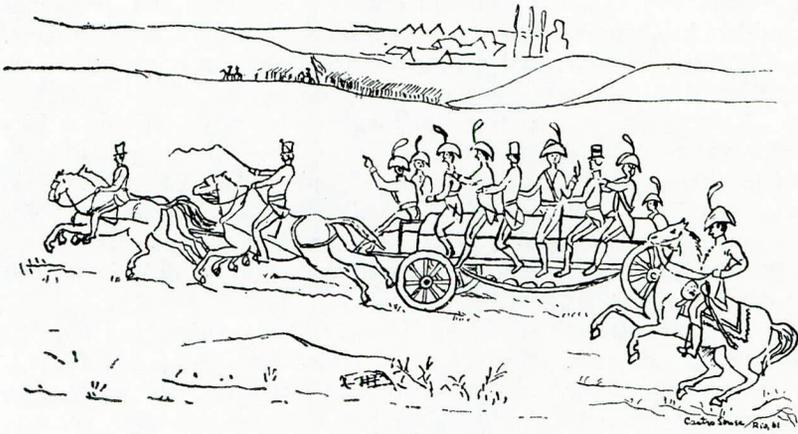
responsáveis pelo estado sanitário dos exércitos, pois, são problemas considerados fundamentais na organização das tropas em atividade, e cuja essência primordial é baseada nos meios de transporte e da assistência imediata ao doente ou ferido.

Cabe, realmente, ao exército francês, a honra de ter sido o inovador nas medidas de melhoria e solução desses problemas, quando por inspiração do seu cirurgião-mór, o grande LARREY, criou e pôs em execução a primeira *unidade móvel, capaz de acompanhar todos os movimentos da tropa à semelhança da artilharia volante*, levando os primeiros socorros e atendendo ao soldado ferido no próprio terreno de combate.

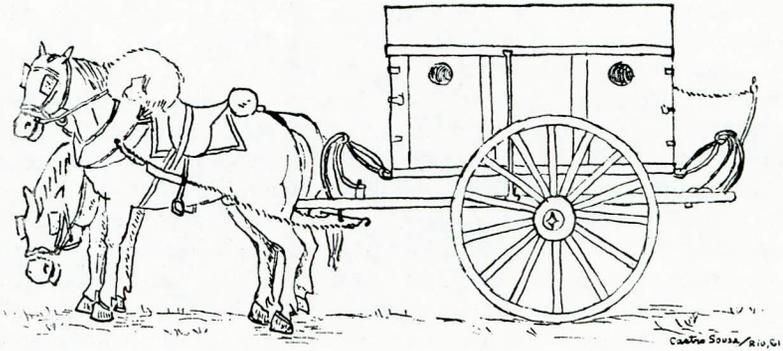
Dominique-Jean LARREY (1766-1842) concebeu sua *unidade volante* quando era cirurgião-chefe do Exército do Reno, em 1792, e levando à consideração superior, foi esta imediatamente aceita pelo comandante-em-chefe e comissário geral. Essas *unidades* volantes eram constituídas de três cirurgiões e um enfermeiro, montados em vigorosos cavalos, levando os enfermeiros grandes caixas contendo instrumental cirúrgico e material de curativo — ataduras, fios para sutura, compressas, vinho, vinagre, aguardente, sal, caldo, etc. . . As cobertas e as padiolas iam em outros compartimentos. Quanto à viatura-ambulância para o transporte de doentes e feridos, esta ficou improvisada num carroção guarnecido de palha e com toldo de pano impermeabilizado, estendido sobre arcos de ferro.

Entretanto, a 11 de novembro de 1792, a Convenção Nacional francesa, decreta a construção de viaturas suspensas, especiais para o transporte de feridos e doentes dos exércitos, conforme a concepção também de LARREY. Baseado neste Decreto, o Departamento de Guerra abre concurso público, em 23 de janeiro de 1793, para o melhor modelo apresentado, oferecendo um prêmio em dinheiro ao artista vencedor. O *aviso*, afixado nas paredes, é constituído de vários *itens*, onde além da recomendação de comodidade, resistências, facilidade de construção, preço, locomoção, leveza, etc., são mencionadas as condições que devem possuir para defender o doente contra os insetos, a poeira, o salpico de lama, o mau tempo, sem, entretanto, impedir a renovação do ar e a entrada de luz. E' um documento interessantíssimo e que marca, sem dúvida, um progresso notável na história da organização militar. A Comissão julgadora é constituída, além do Conselho de Saúde, de mais dez membros indicados pela Faculdade e Sociedade de Medicina, pelo Colégio e Academia de Cirurgia e pela Academia das Ciências de Paris (141). A comissão seleciona dois modelos que depois, rejeita, porém, mais tarde, o comitê

(141). — CABANÈS, Docteur — *Chirurgiens et Blessés à travers l'histoire*. Albin Michel Éditeur, Paris, s. d., pp. 374-380.



Ambulância de Percy, denominada Wurst (Salsichão)



Primeira Ambulância Ligeira

militar da Convenção faz construir uma viatura baseada nesses projetos e que vem demonstrar, na prática, a impossibilidade do uso a que se destinava.

LARREY, somente em 1797, na expedição da Itália, pôde ver seus projetos amplamente utilizados com todos os componentes, inclusive sua viatura-ambulância, montada sobre molas, sustentada por duas rodas e puxada por dois cavalos, que constituiu a grande inovação para a melhoria do atendimento ao soldado ferido ou doente.

Já o contemporâneo de LARREY, o cirurgião-mór PERCY, criava, em 1796, uma companhia de 120 enfermeiros, escolhidos *entre os soldados de boa vontade*. Esses homens exerciam a função de padoleiros e atuavam no campo de batalha recolhendo os feridos; porém, celebrada a paz, foi extinta esta companhia. Outra tentativa de melhoramento deste cirurgião francês é a construção de um carro muito comprido, em forma de caixa e por isso apelidado com a palavra alemã *Wurst* (salsichão), que transportava, escarranchados, os cirurgiões sobre as caixas de material para curativo, cuja capacidade de atendimento era previsto para 1200 feridos (142). Esses carros eram puxados por quatro cavalos e pelo seu formato, peso e pouca mobilidade, não tiveram o resultado esperado e caíram no esquecimento, ficando, apenas, como curiosidade.

Pierre-François PERCY (1754-1825), figura na história da medicina militar não só como grande cirurgião e organizador, mas, também, como precursor da neutralidade das formações sanitárias e inviolabilidade dos hospitais. Ele propõe, em abril de 1800, ao seu comandante o General Moreau que encaminhe ao General Kray — chefe do exército austríaco —, um convênio que levou a sua redação e marcado de profundo sentido humano e cristão, no qual são consideradas neutras e intangíveis as unidades do Corpo de Saúde dos exércitos. É um documento que muito honra o cirurgião-mór PERCY e precede de 64 anos as disposições da 1ª Convenção de Genebra que assinalaram os mesmos propósitos de respeito à pessoa humana.

Quanto à viatura-ambulância de LARREY, esta atuava plenamente em áreas mais ou menos planas, porém quando o exército combatia em terrenos acidentados, como nos desfiladeiros da Itália, observou-se sua inutilidade. Aí, o serviço de saúde, ainda sob a supervisão de LARREY, improvisou uns cestos, colocando-os no lombo das mulas — como o nosso caçuá — para o transporte de medicamentos, fios de sutura, ataduras e instrumentos necessários aos primeiros socorros. Era o princípio do *cacolet*, que depois foi inteligentemente adaptado ao transporte de feridos, em várias expedições mi-

(142). — CHEVALIER, A. G. — *Os médicos e a Saúde nos Exércitos da Revolução*. In *Actas Ciba*, nº 5, 1938, pp. 142-146.

litares. Logo após, na Campanha do Egito (1798-1799), LARREY, como cirurgião-chefe, fêz construir, então, cem liteiras — em formato de bêrço — que eram colocadas uma em cada lado da giba do dromedário, prosseguindo sua atividade infatigável de amparo ao soldado e por isso granjeou-lhe o cognome de a “*Providência dos Soldados*”. Napoleão, em Santa Helena, ao fazer o seu testamento, não esqueceu LARREY e o fêz de modo todo especial e comovente, quando escreveu:

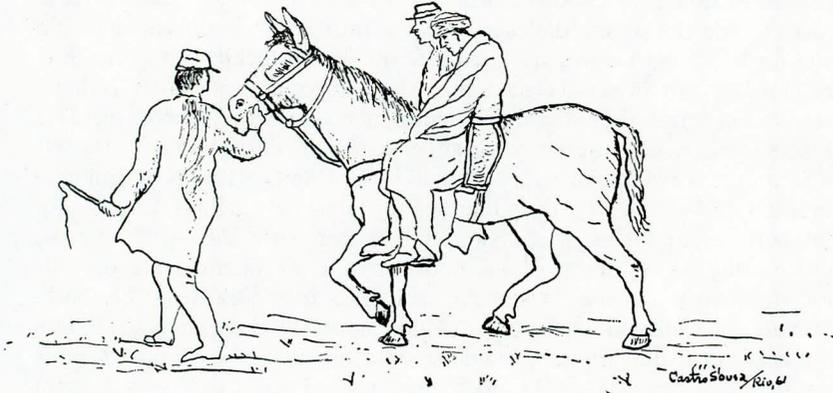
“Je lègue au chirurgien en chef Larrey cent mille francs: c'est l'homme le plus vertueux que j'aie connu” (143).

A primeira vez que se usou o *cacolet* no transporte de feridos, foi na expedição francesa de Máscara, província de Orã, Argélia, no ano de 1835. O *cacolet* era constituído de dupla cadeira de braços, em metal, articuladas e dispostas de maneira a se colocar um doente de cada lado, sustentadas no lombo de mula ou cavalo. As mulas por serem mais dóceis e mais fáceis de serem conduzidas, tinham a preferência da escólha. Poder-se-ia colocar o doente em posição horizontal, em leito, porém, era necessário um animal forte, e reajustar seus componentes. O *cacolet* foi utilizado amplamente nas guerras da Península e nas expedições francesas da África, não se adaptando seu uso, entretanto, nos camelos e dromedários. Na Guerra do Oriente ou da Criméia (1854-1856), foi inestimável o seu auxílio como meio eficiente e útil no transporte de feridos e doentes.

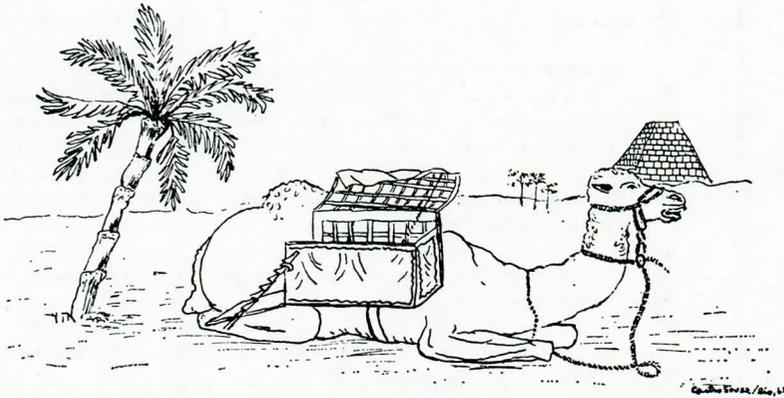
* *
*

Na Coluna Expedicionária de Mato Grosso, organizada em princípios de 1865, havida de improvisação e afogadilho, o Capitão 1º Cirurgião, Dr. ANTÔNIO DE JESUS E SOUZA — Chefe do Corpo de Saúde —, demonstrando possuir espírito organizador e estar à altura do alto cargo em que fôra investido, requisitou para a sua reparação, mais de quarenta *cacolets*, fabricados no Arsenal de Guerra da Côrte (Rio de Janeiro), autorizado a entregar-lhe, com urgência, pelo Ajudante-General, a 9 de março de 1865, além de outros objetos e instrumentos que o diretor do Arsenal imediatamente cumpriu. A previsão dêste chefe militar não tardou muito a ser testada, pois ao sair a Expedição da cidade de Campinas, São Paulo, quando se manifestou o primeiro surto de varíola no contingente — principalmente na-

(143). — *A Medicina na pintura dos séculos passados*. In Revista Roche — seção Medicina e Arte —, abril de 1952, p. 131-132. (Trabalho atribuído a autoria ao médico e historiador, Dr. Renato Clark Bacellar).



Cacolet



Transporte de feridos, de Larrey, no Egito

quêles soldados cabôclos da companhia de artilharia do Amazonas que foram quase todos dizimados —, os convalescentes dessa virose e doentes de outras entidades mórbidas, utilizaram-se do *cacolet*. Na zona do Rio Negro e nas fraldas da Serra do Maracaju, a Coluna Expedicionária era infectada pela malária e logo depois surgia o beriberi — em caráter epidêmico — atingindo um número considerável de soldados, resultando daí a grande serventia dêsse meio de transporte e comprovado seu valioso auxílio. O Capitão Liberato Augusto Pereira Lomba, do 21º Batalhão de Infantaria de Minas Gerais, foi transportado de Miranda a Nioaque, percurso de 210 quilômetros, num *cacolet*, suavizando, dêsse modo, seus padecimentos até os últimos momentos de sua existência, vitimado que fôra pelo beriberi. Quando da Retirada da Laguna, ainda existiam dois *cacolets*, como remanescentes, que foram providenciais para quatro soldados, feridos na carga de cavalaria de 11 de maio de 1867, os quais se salvaram graças a êsse excelente meio de transporte.

Em 1872, o então Ministro de Guerra, João José de Oliveira Junqueira, dirige-se, por meio do Aviso de 16 de maio, ao Conde d'Eu, na qualidade do antigo comandante-em-chefe do Exército Imperial Brasileiro, solicitando-lhe parecer para vários *itens* de interesse na organização do exército, cujas respostas deveriam ser baseadas na observação e experiência adquiridas na Campanha do Paraguai. O 5º Quesito compreendia os meios de transporte e embora o Conde d'Eu não tenha apresentado solução para o problema de transporte de feridos, diz que os *cacolets* tão conhecidos no Exército francês,

“prestaram bons serviços na coluna de Mato Grosso, não puderam ser empregados com vantagem no Paraguai por falta de burros bastantes robustos para suportar o pêso de dois indivíduos sentados no *cacolet*”, e pelo que êle pôde observar, “os doentes e feridos eram transportados do Hospital de Sangue para os lugares da base de operações, nas próprias *galeras* que até êsse momento tinham conduzido munições de artilharia, e que depois dos combates achavam-se vazias; na falta dêstes, nas *carretas* em que os fornecedores tinham trazido a farinha e outros gêneros para o consumo do exército” (144).

Assim, no documento firmado pelo antigo comandante-em-chefe, Marechal Conde d'Eu, fica demonstrado que no teatro principal da Guerra do Paraguai, os doentes e feridos eram removidos em viaturas de munições e de provisões, vazias — inadequadas e incômodas —, sendo que, nestas últimas, de graves conseqüências pelo perigo da propagação de doenças infecto-contagiosas.

O Conde d'Eu, em 14 de maio de 1869, comunica ao presidente da Província de Mato Grosso que as forças existentes em Cuiabá deveriam se mover em direção ao sul da província e daí para Assunção, recomendando a remessa

“de todo o material de hospital”, bem como “os *cacolets* que se achavam em depósitos, dos que haviam sido, do ponto dos Baús, mandados para a capital pela Expedição de Mato Grosso” (145).

O príncipe, que era conhecedor da boa aplicação do *cacolet*, desejava vê-lo instituído no Exército sob seu comando, mas foi inaplicável pela falta de animais bastante robustos, como afirmara.

O Marechal Conde d'Eu, respondendo à solicitação do Ministro da Guerra, acima referida, fez várias considerações sobre a reorganização do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro, de muito interesse e objetividade, cujos conceitos emitidos, representaram, para a época, as aspirações dos médicos militares (146).

Na segunda retirada de Corumbá — após a gloriosa retomada —, os bravos brasileiros saíram levando os primeiros enfermos pela varíola. Na travessia pelos pantanais, a doença foi recrudescendo e ceifando vidas, obrigando-os a deixar, ali e acolá, os cadáveres dos companheiros falecidos, servindo de pasto às vorazes piranhas. Ao atingirem os retirantes o Rio São Lourenço, as embarcações foram rebocadas até o pôrto Alegre, pelos vapores *Antônio João* e *Jauru*, sendo que este, levou a reboque, duas *igaritês* com oitenta variolosos, servindo de enfermarias, ficando o *Jauru*, por isso, na margem oposta, isolando-se por causa dos doentes, quando se deu o combate com o inimigo, a 11 de julho de 1867. Em terra, os variolosos eram transportados pelos soldados, em *andas* rústicas.

Em Coxim, Mato Grosso, um dos três alferes-capelães que serviam à Coluna Expedicionária de Mato Grosso, o Padre Antônio Augusto de Andrade e Silva, foi acometido de retenção de urina que persistiu durante 48 horas e após ter cedido, caiu o sacerdote em profunda prostração por um dia e despertou recuperado. Resolveu, então, voltar para a Côrte (Rio de Janeiro), deixando a expedição, viajando, nessa ocasião, deitado em *banguê* ou *liteira* (147).

(145). — TAUNAY, V. de — *A Campanha da Cordilheira*. Ed. Melhoramentos, São Paulo, s. d., p. 47.

(146). — CASTRO SOUZA, L. de — *O Marechal Conde d'Eu e o Serviço de Saúde do Exército Brasileiro*. In *Anais do 2º Congresso Brasileiro de Medicina Militar*, vol. II, pp. 421-425 e *Revista de Química e Farmácia*, nº 11, novembro de 1959, pp. 23-26.

(147). — *Memórias do Visconde de Taunay*. Ed. Melhoramentos, São Paulo, s. d., p. 170.



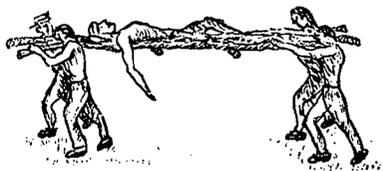
CACOLET



PADIOLA



REDE-DE-TRANSPORTAR



"ANDAS" RÚSTICA

Na Fôrça Expedicionária de Mato Grosso, outros meios foram utilizados na remoção de enfermos e feridos, como: a *rêde*, carregada por dois homens e suspensa a uma longa vara ou caibro pelos seus “punhos” — o secular instrumento de transporte brasileiro; a *padiola* fabricada no Arsenal de Guerra da Côrte e levada pela repartição de saúde; a *pelota*, que é um quadrado de varas por dentro do qual se amarra o couro de boi, bem sêco, foi constantemente utilizada no transporte de doentes e feridos, na travessia de rios — trata-se de uma embarcação de uso da mais remota época (148). Na Retirada da Laguna, as *carretas* de artilharia e os *carroções* foram transformados em viaturas-ambulância; êstes transportes acolhiam o dôbro da lotação e de todos os lados deixavam pender braços, pernas, cabeças daqueles infelizes soldados da *Constância* e do *Valor*, consumidos pela miséria orgânica; as galeras, os *carros-manchegos* e *armões* das peças foram, também, outros recursos aproveitados, sendo que neste último tipo, o comandante Camisão, passou seus derradeiros momentos de vida. E, finalmente, depois do desaparecimento dos carros pela necessidade da carne dos animais para o alimento e a madeira destinada à fogueira para o aquecimento do organismo umedecido pelas enxurradas diluviais e constantes, sòmente restaram as *padiolas* de couro mal curtido ou as *andas* rústicas, improvisadas com varas e cipós, cada qual ocupando quatro homens. Pelo aumento assustador dos doentes, imaginou o Coronel Camisão, no auge do desespero e da retirada, um nôvo arranjo para as padiolas: colocar os doentes em couros cortados ao meio e levantadas pelas pontas — espécie de cadeirinhas —, para possibilitar o transporte de dois, em vez de apenas um. Essa maneira e inovação, recebeu a opinião contrária de tôda a oficialidade ao ser consultada, pois sabia que a soldadesca estava exausta e não aguentaria sobrecarga de pêso, já com os “pés esfolados e tintos de sangue”. Ao atingir os retirantes a margem direita do Prata — primeiro afluente do Rio Miranda —, o número de padiolas carregadas com doentes, atinge à cifra dos noventa e seis, numa marcha lenta e fúnebre, verdadeira procissão de sofrimento, miséria, dor . . .

A missão de padioleiro é das mais nobres e edificantes, pois encarna o mais alto sentido da solidariedade humana e se eleva pelo sublime espírito de abnegação e de heroísmo. Na *Retirada da Laguna*, ela se apresenta em tôda sua plenitude, com exemplos nobres e páginas de ternura. Narra o Visconde de Taunay aquêle episódio tão comovente e cheio de amor fraternal, do soldado do corpo de cavalaria de Mato Grosso, Alexandre de Campos Leite, que ajudou a transportar seu irmão Martinho, numa padiola, durante dois dias, inin-

(148) . — GOULART, L. A. — *Meios e Instrumentos de Transportes no Interior do Brasil*. Rio de Janeiro, Serviço de Documentação (MEC), 1959, p. 97.

terruptamente, não permitindo que o revezassem naquela tarefa, pois considerava ser sua obrigação, seu dever... (149). Hoje, diante da transcrição nominal que fizemos dos doentes abandonados, em 26 de maio de 1867, até então inédita, sabemos do drama maior vivido por este soldado: seu irmão mais velho Martinho, do 1º Corpo de Caçadores a cavalo, ficara, também, por ordem superior, na clareira aberta para receber aquêles infelizes soldados.

E, ainda, na Retirada da Laguna, quando o derradeiro transporte, eram as *andas* rústicas e os soldados se encontravam exaustos, famintos e verdadeiros farrapos humanos, muitos se recusavam a carregar seus companheiros doentes, porque mal podiam consigo. Foi necessário o uso da força e a redobrada vigilância dos oficiais, pois, ao menor descuido largavam os enfermos pelos caminhos. Naquela trágica ocasião, um doente ia perecendo num grande charco pela queda de um dos carregadores da padiola e assistido pela indiferença dos outros três que caminhavam extenuados e de pés sangrando, quando, surgiu, inesperadamente, o quarto apôio — o ombro de um oficial — para salvar aquêles infelizes brasileiros. Chamava-se êsse militar: Alferes *Manoel Clímaco dos Santos Souza* — que mereceu os aplausos de todos e deu exemplo eloqüente e eterno de amor e respeito à pessoa humana (150). Hoje, evocâmo-lo como símbolo digno do Exército de Caxias, cujo nome deve ser inscrito no bronze da história para todo o sempre.

Os médicos militares permaneceram firmes e vigilantes em seus postos, acompanhando os soldados feridos e doentes, com desvêlos e cuidados, notadamente quando de suas remoções — nos vapores, nas igratés, nas padiolas, nas rêdes, nas canoas de todos os feitios, nas viaturas improvisadas, nas *andas* rústicas e outros meios de transporte —, seguindo as trilhas fundamentais de um verdadeiro sacerdócio, principalmente, porque cumpriram o decálogo ético de sua profissão e deram provas de

“possuir uma alma predestinada ao serviço do enfermo — amando-o tanto quanto a si mesmo...” (151),

para real júbilo e orgulho da medicina militar brasileira.

(Continua).

-
- (149). — *Narrativas Militares*, publicado sob o pseudônimo de Silvío Dinarte (Taunay). Garnier, Rio de Janeiro, 1878, p. 67.
- (150). — TAUNAY, V. de — *A Retirada da Laguna*. Ed. Melhoramentos, s. d., 14a. edição, São Paulo, pp. 109-110.
- (151). — VASCONCELLOS, I. de — “*Ser Médico...*”. Decálogo Ético apresentado ao Instituto Brasileiro de História da Medicina, na Sessão de 30 de maio de 1957. In *Revista Brasileira de História da Medicina*, vol. VIII, nº 6, junho de 1957, pp. 151-152.